

# Expectativas em torno da Cúpula do G7 na França

*Por Paulo Galvão Júnior (\*)  
& Luiz Alberto Machado (\*\*)*

## Considerações iniciais

Entre os dias 15 e 17 de junho de 2026, a cidade de Évian-les-Bains, nos Alpes franceses, sediará a Cúpula do Grupo dos Sete (G7), principal fórum informal de coordenação política e econômica das maiores democracias industrializadas do mundo. O evento atrairá a atenção de muita gente graúda, entre os quais dirigentes de países que não integram o G7, além de jornalistas e analistas de todo o mundo que aguardam o seu início com grande expectativa.

O grupo econômico é formado por Estados Unidos da América (EUA), Alemanha, Japão, Reino Unido (RU), França, Itália e Canadá, países que, juntos, representam parcela expressiva do Produto Interno Bruto (PIB) nominal mundial, do comércio internacional, da inovação tecnológica e dos investimentos globais.

Embora o G7 não possua uma estrutura institucional permanente, suas decisões influenciam significativamente, desde 1975, a governança econômica global, as políticas comerciais, os fluxos financeiros internacionais, a segurança energética e as estratégias de enfrentamento das mudanças climáticas.

Os sete países apresentam elevados níveis de desenvolvimento humano, renda per capita e capacidade tecnológica. Em conjunto, reúnem aproximadamente 780 milhões de habitantes distribuídos por cerca de 21 milhões de quilômetros quadrados.

Os EUA permanecem como a maior economia do planeta, com PIB nominal superior a US\$ 30 trilhões e renda per capita acima de US\$ 85 mil. Alemanha, Japão, RU, França, Itália e Canadá também figuram entre as maiores economias globais e apresentam elevados indicadores de qualidade de vida.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos membros do G7 situa-se entre os mais elevados do mundo, refletindo avanços em educação, saúde e renda. Contudo, persistem diferenças relevantes quanto à distribuição da riqueza. Os EUA apresentam um dos maiores níveis de desigualdade do grupo, enquanto Alemanha, França e Canadá registram índices relativamente menores de concentração de renda.

As taxas de desemprego permanecem moderadas na maior parte desses países, embora o crescimento econômico mais lento observado nos últimos anos venha pressionando os mercados de trabalho. A inflação, que atingiu níveis elevados após a pandemia da Covid-19 e a crise energética decorrente da Guerra na Ucrânia, encontra-se em trajetória de desaceleração, mas continua sendo motivo de preocupação para os bancos centrais.

## **Os impactos da guerra comercial, dos conflitos geopolíticos e das mudanças climáticas**

Os principais indicadores socioeconômicos dos países do G7 vêm sendo impactados pela guerra comercial iniciada pelos EUA, pela Guerra na Ucrânia, pelos conflitos no Oriente Médio e pelo avanço das mudanças climáticas.

Um dos temas centrais da Cúpula do G7 deverá ser o recrudescimento das disputas comerciais internacionais. As medidas protecionistas adotadas pelos EUA, especialmente em setores estratégicos como tecnologia, semicondutores, minerais críticos e indústria automotiva, têm provocado reações de parceiros comerciais e ampliado as incertezas nos mercados globais.

A fragmentação das cadeias produtivas internacionais, o fortalecimento de políticas industriais nacionais e a busca por maior autonomia estratégica vêm elevando custos de produção e reduzindo parte dos ganhos de eficiência acumulados ao longo das últimas décadas de globalização.

A participação do presidente Donald Trump na reunião dos líderes do G7 ocorre em meio a uma nova proposta dos EUA de impor tarifas adicionais de importação a cerca de 60 parceiros comerciais. As sobretaxas, que variam entre 10% e 12,5%, atingem diretamente importantes aliados norte-americanos e membros do próprio G7, como Canadá, Japão, RU, França, Itália e Alemanha.

A iniciativa reforça a estratégia protecionista da atual administração americana e amplia as tensões comerciais entre as principais economias desenvolvidas, devendo ocupar posição de destaque nos debates da Cúpula do G7 de 2026.

Mais de quatro anos após o início da invasão russa em larga escala, a Guerra na Ucrânia continua produzindo impactos econômicos e geopolíticos significativos. O conflito alterou fluxos energéticos, pressionou preços de commodities e levou diversos países europeus a ampliarem investimentos em defesa e segurança.

A reconstrução da Ucrânia, o financiamento militar e humanitário e as estratégias de segurança do continente europeu deverão permanecer entre os principais temas debatidos pelos líderes do G7.

A instabilidade no Oriente Médio também preocupa as economias desenvolvidas. Os conflitos envolvendo Israel, EUA, Irã e diversos grupos armados regionais ampliam os riscos para o abastecimento energético mundial e para a segurança das principais rotas marítimas internacionais.

A elevação das tensões geopolíticas contribui para oscilações nos preços do petróleo e do gás natural, afetando diretamente a inflação, o crescimento econômico e os investimentos produtivos nos países membros do G7.

Outro tema central da Cúpula será o enfrentamento das mudanças climáticas. Ondas de calor, secas prolongadas, incêndios florestais, enchentes, invernos rigorosos e outros eventos climáticos extremos têm gerado prejuízos crescentes às economias desenvolvidas.

Os países do G7 enfrentam o desafio de acelerar a transição energética sem comprometer a competitividade industrial. Investimentos em energias renováveis,

hidrogênio verde, inteligência artificial (IA) aplicada à gestão ambiental, captura de carbono e infraestrutura resiliente deverão ocupar posição de destaque nas discussões.

Além disso, cresce a necessidade de ampliar o financiamento climático destinado aos países em desenvolvimento, especialmente aqueles mais vulneráveis aos efeitos do aquecimento global.

### **Considerações finais**

A Cúpula do G7 de 2026 será liderada pelo presidente da França, Emmanuel Macron, e ocorrerá em um contexto internacional marcado por elevada complexidade. Guerra comercial, conflitos geopolíticos, desaceleração econômica e emergência climática compõem um conjunto de pressões sem precedentes para as principais economias avançadas.

Embora continuem liderando importantes segmentos da economia mundial, os países do G7 enfrentam desafios estruturais que exigem maior cooperação internacional, capacidade de inovação e políticas públicas voltadas ao crescimento sustentável, inclusivo e próspero.

As decisões tomadas em Évian-les-Bains poderão influenciar não apenas o futuro das economias desenvolvidas, mas também os rumos do comércio internacional, dos investimentos globais e das estratégias de desenvolvimento sustentável nas próximas décadas.

(\*) **Paulo Galvão Júnior** é economista, conselheiro efetivo do CORECON-PB, diretor secretário do Fórum Celso Furtado de Desenvolvimento da Paraíba, membro do Instituto de Inteligência Econômica (IIE) e do Grupo de Reforma Tributária da Paraíba (GRT-PB). Apresentador do programa Economia em Alta na rádio web Alta Potência em João Pessoa.

(\*\*) **Luiz Alberto Machado** é economista pela Universidade Mackenzie e mestre em Criatividade e Inovação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal). É sócio-diretor da SAM – Souza Aranha Machado Consultoria e Produções Artísticas, assessor da Fundação Espaço Democrático e conselheiro da Fundação Educacional Inaciana (FEI) e do Instituto Liberal.